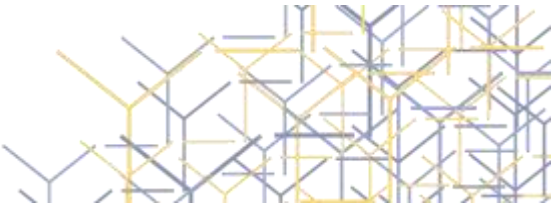
tríade
comunicação, cultura e mídia



CC BY

Artigo

DOI: https://doi.org/10.22484/2318-5694.2025v13id5709

IRMÃOS GRIMM NA NETFLIX: LEITURA CRÍTICA E PROTEÇÃO DE AUDIÊNCIAS VULNERÁVEIS NOS SERVIÇOS DE STREAMING

Brothers Grimm on Netflix: critical reading and protecting vulnerable audiences in the context of streaming services

Los Hermanos Grimm en Netflix: lectura crítica y protección de públicos vulnerables em el contexto de los servicios de streaming

Thereza Carolina Gonçalves Vieira[1]
Orcid: https://orcid.org/0000-0002-9898-4372
E-mail: tcarolina248@gmail.com

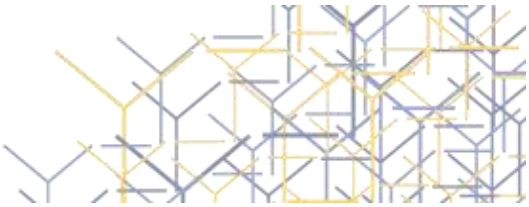
Alexandra Bujokas de Siqueira[2]
Orcid: https://orcid.org/0000-0001-5397-5192
E-mail: alexandra.siqueira@uftm.edu.br

Resumo: A migração do público para os serviços de *streaming* reavivou o debate sobre a regulação de conteúdo. Este texto tem como tema a proteção de audiências vulneráveis e traz a série Um Conto Sombrio dos Grimm, da *Netflix*, como objeto. Utilizando os fundamentos dos Estudos Culturais e da Teoria da Recepção, tem o objetivo de refletir sobre a complexidade da decodificação de mensagens midiáticas e a influência das representações culturais. Como procedimentos, analisa-se e discute-se a diferença de percepção entre a ficção televisiva e a violência real reportada nos noticiários, inferindo que a indignação causada pela série pode estar relacionada à identificação dos pais com os personagens e à forma como a violência é representada e percebida por diferentes públicos.

Palavras-chave: proteção de audiências vulneráveis; leitura crítica; estudos culturais.

[1] Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, MG, Brasil.
[2] Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, MG, Brasil.

Recebido em: 21/03/2025 | Aprovado em: 24/03/2025 | Revisado em: 28/05/2025
Editora de Seção: Luciana Coutinho Pagliarini de Souza | Editora de Layout: Silmara Pereira da Silva Martins

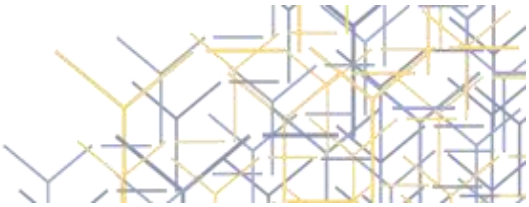


Abstract: The migration of viewers to streaming services has revived the debate on content regulation. This text focuses on the protection of vulnerable audiences and uses the Netflix series A Grimm's Dark Tale as its subject. Using the foundations of Cultural Studies and Reception Theory, it aims to reflect on the complexity of decoding media messages and the influence of cultural representations. As procedures, it analyzes and discusses the difference in perception between television fiction and real violence reported in the news, inferring that the outrage caused by the series may be related to the identification of parents with the characters and the way violence is represented and perceived by different audiences.

Keywords: protection of vulnerable audiences; critical reading; cultural studies.

Resumen: La migración de audiencias a los servicios de *streaming* ha reavivado el debate sobre la regulación de contenidos. Este texto tiene como tema la protección de las audiencias vulnerables y utiliza como tema la serie de *Netflix* Un cuento oscuro de los hermanos Grimm. Utilizando los fundamentos de los Estudios Culturales y la Teoría de la Recepción, se pretende reflexionar sobre la complejidad de la decodificación de los mensajes mediáticos y la influencia de las representaciones culturales. Como procedimientos, se analiza y discute la diferencia de percepción entre la ficción televisiva y la violencia real reportada en las noticias, infiriendo que la indignación causada por la serie puede estar relacionada con la identificación de los padres con los personajes y la forma como la violencia es representada y percibida por los diferentes públicos.

Palabras clave: protección de públicos vulnerables; lectura crítica; estudios culturales.



1 INTRODUÇÃO

A progressiva migração do público para os serviços de *streaming* renovou o debate sobre temas persistentes no contexto da regulação de conteúdo, entre eles a proteção de menores. Por se tratar de uma audiência vulnerável, crianças e adolescentes são sujeitos protegidos por leis específicas, considerando que a natureza *on-demand* das plataformas de *streaming* aumenta o risco de acesso a material não apropriado para menores, tornando essencial a implementação de mecanismos de controle parental e filtros de conteúdo, a fim de mitigar o risco de exposição a conteúdos violentos, sexualmente explícitos ou de incitação ao ódio.

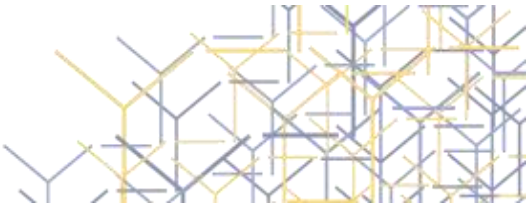
Marcos legais de abrangência multilateral como a Convenção sobre os Direitos da Criança da ONU (1989) e de abrangência nacional como o Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei 8.069/1990), o Marco Civil da *Internet* (Lei 12.965/2014) e o Sistema de Classificação Indicativa (ClassInd) do Ministério da Justiça e Segurança Pública formam uma rede de proteção que busca garantir que os menores sejam resguardados contra conteúdos prejudiciais enquanto navegam por plataformas de *streaming*. Para além dos mecanismos de controle, programas educacionais que ensinem crianças e adolescentes, bem como seus pais e responsáveis, sobre como acessar conteúdos de forma segura, devem ser considerados.

Apesar de todos os esforços, frequentemente testemunhamos debates sobre algo que extrapolou os limites da lei e do bom senso, como aconteceu com a série animada Um Conto Sombrio dos Grimm (2021), produzida e lançada para a *Netflix*, em 2021. Classificada para crianças a partir de 12 anos, a série é apresentada com esta descrição: "João e Maria saem do próprio conto de fadas e entram em uma história sombria, cheia de surpresas estranhas e assustadoras".

A série tem como referência o livro de Adam Gidwtiz, publicado em 2010 e que traz como subtítulo "A verdadeira história de João e Maria". Nesta obra, o autor faz uma releitura de diversos contos dos irmãos Grimm, entrelaçando-os e formando uma única história cujos protagonistas são João e Maria. Uma resenha publicada à época do lançamento do livro (Lançanova, 2015) argumenta que o autor "teve muito cuidado para reescrever o conto de João e Maria verdadeiro, mas foi eufemístico em várias cenas, deixando seu livro bem menos intimidante". Foi considerado o melhor livro do ano pela *Publishers Weekly* e a escolha do editor pelo *New York Times* (Resenha..., [2020?]).

Contudo, desde seu lançamento, essa série motivou críticas e controvérsias. Nas redes sociais, muitos foram os comentários de pais indignados com o fato da série – conquanto traga informações que se trata de uma produção animada para crianças – apresentar um enredo que não tem nada dos habituais contos de fadas com os quais esses pais reclamantes, ao que parece, estavam habituados.

O jornal Folha de S.Paulo, na edição do dia 29 de outubro de 2021, trouxe a questão da controvérsia causada pela série, apresentando as reclamações de algumas



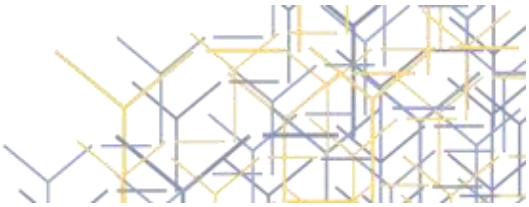
pessoas, como Renata Alves, apresentadora do programa "Hoje em Dia" (da rede de televisão Record), cujo relato foi feito em forma de vídeo no *Instagram*, no qual ela afirma estar fazendo um alerta para os pais de crianças menores de idade, quanto ao conteúdo dessa série. Segundo a apresentadora, muitos foram os que enviaram depoimentos a ela, afirmando que seus filhos estão com medo dos próprios pais. Essas crianças, no caso, têm perguntado "o que é decapitar uma pessoa, por que os pais estão fazendo isso com os filhos?". Outra crítica foi feita por uma psicóloga, que apela para que os pais não deixem seus filhos assistirem aos episódios dessa série, pois, "muitas crianças podem ser gravemente afetadas emocionalmente pelo desenho". E tantas outras publicações em redes sociais nas quais lemos palavras como "absurdo", "alerta aos pais" e "isso é grave" (Série..., 2021).

Sendo apenas a adaptação de um livro homônimo que trata dos contos mais populares dos irmãos Grimm em sua forma e enredo originais, contos publicados pela primeira vez em 1812 e de lá para cá, repetidos e contados inúmeras vezes, fazendo com que toda criança conheça ao menos um deles – incluindo o conto João e Maria – como a leitura crítica pode contribuir para a proteção de audiências vulneráveis? Para responder essa questão, este ensaio objetiva fazer uma análise, mobilizando a fundamentação teórica dos Estudos Culturais e da Teoria da Recepção, da crítica, por parte de alguns pais indignados, de sua exibição no canal de streaming.

2 ESTUDOS CULTURAIS E OS CONTOS POPULARES

A Teoria dos Estudos Culturais originou-se da análise da cultura muito além dos hábitos e costumes de determinado povo, abrangendo as práticas sociais e sua relação com seus atores. Seu eixo principal de pesquisa são as relações entre as formas, instituições e práticas culturais com a sociedade e suas mudanças ao longo do tempo tendo, dentre seus pesquisadores mais ilustres, Raymond Williams (1918-2014), Richard Hoggart (1921-1988), Edward Palmer Thompson (1924-1993) e Stuart Hall (1932-2014). Essa teoria compreende os produtos culturais como "agentes da reprodução social, acentuando sua natureza complexa, dinâmica e ativa na construção da hegemonia" (Escostesguy, 2008, p. 91). O termo "produto cultural" abrange desde manifestações artísticas como o teatro e a literatura, até as mídias como a televisão, o rádio e a *Internet*. Dentre os produtos culturais, destacamos a cultura popular que é aquela produzida pelo povo de forma espontânea, refletindo sua realidade periférica. A cultura popular se origina nas experiências cotidianas de pessoas comuns, em suas tradições e memórias, sendo transmitida de geração para geração, principalmente, de forma oral. Um bom exemplo são os contos populares.

Tendo sua origem no dia-a-dia do povo, os contos populares carregam em seu enredo as diferenças culturais e temporais próprias da região e do tempo em que

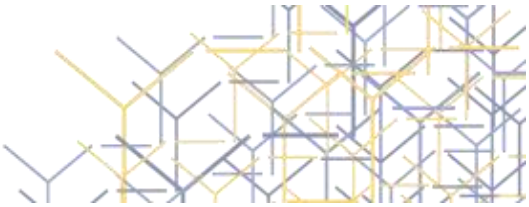


foram originadas. É assim que temos a Lenda do Rei Arthur (Inglaterra), Aladim e o Tapete Mágico (Oriente Médio), Rei Leão (África) e o Boitatá (Brasil), para citar alguns, apenas. Embora o mesmo tema possa aparecer nas mais diversas histórias, dependendo de sua origem – Inglesa, Árabe, Africana ou Brasileira – cada história trará uma cultura e costumes diferentes.

Sem autoria conhecida, os contos populares são histórias em forma de narrativas passadas de geração para geração. Inicialmente eram transmitidas oralmente o que colaborava para que, a cada vez que era repetido, o enredo original fosse, invariavelmente, modificado, tendo algumas de suas partes aumentadas ou suprimidas, de acordo com a capacidade inventiva ou criativa do contador de história ou do objetivo almejado: assustar, comover, provocar reflexões ou até educar, tomando o desfecho dos personagens dessas histórias, como modelo para o bem ou mal agir. Com o passar do tempo os contos foram transpostos para os livros, colaborando para sua popularização em escala mundial. A série polêmica da *Netflix* da qual trata este ensaio, nada mais é do que a adaptação de um livro que reproduz alguns desses contos populares, os contos dos irmãos Grimm, em sua especificidade original.

3 OS CONTOS DOS IRMÃOS GRIMM

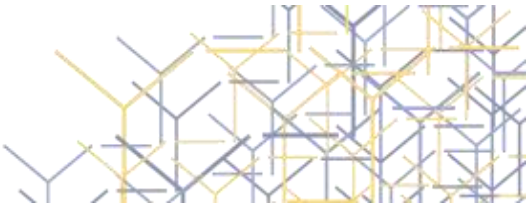
Publicados pela primeira vez em 1812, os contos dos irmãos Grimm foi uma encomenda feita por um poeta e escritor alemão, Clemens Brentano o qual, em meio à agitação social e política dos dias em que se viviam as guerras napoleônicas (1803-1815), já vinha colecionando canções folclóricas com o intuito de preservar a memória coletiva do povo alemão. E assim, os irmãos Jacob (1785-1863) e Wilhelm Grimm (1786-1859) se colocaram a pesquisar e também, a coletar, por sua vez, histórias populares junto à comunidade. Importa compreender que, em sua origem, essa produção literária dos Grimm, de contos de fadas voltados para o público infantil, não havia nada. As histórias que ganharam fama ao redor do mundo como contos de fadas, começaram como uma publicação para adultos intitulada Contos Infantis e Domésticos (*Kinder und Hausmärchen*), a qual era uma "antologia acadêmica para estudiosos da cultura alemã, não como uma coleção de histórias para ninar jovens leitores" (Hernández, 2019). Bastante cruéis e sangrentas essas histórias eram contadas mais como uma forma de educar, através do choque e medo, do que embalar sonos pueris. João e Maria é apenas uma dessas histórias. E, embora esse conto tenha ficado mundialmente conhecido como uma clássica história infantil com final feliz, todavia, o enredo original trazia todo o rigor da vida cotidiana na Idade Média, envolvendo cenas de crueldade e violência. Muita violência, diga-se de passagem: decapitação e canibalismo, só para citar o mínimo. Na série exibida pela *Netflix*, logo no 1º episódio (são dez episódios só na 1ª temporada) as crianças são



decapitadas por seu próprio pai, com a conivência da mãe e, depois de retornarem à vida graças a um feitiço, fogem para bem longe à procura de outra família, uma "família perfeita" (segundo Maria, a protagonista da história juntamente com seu irmão, João) onde os pais não matam seus filhos e os amam incondicionalmente. E nessa fuga-busca, vivem verdadeiros tormentos, passando de uma família-adotiva para outra, enquanto crescem e amadurecem sozinhos, contando apenas um com o outro para se defender de tudo e de todos.

Mas, se as histórias originais dos irmãos Grimm são, em verdade, violentas e nada indicadas para o público infantil, como e porque ficaram conhecidas como contos de fadas para crianças? A explicação é que, com o passar do tempo, a cultura e também a forma de se enxergar a fase inicial da vida humana – a infância – mudou, posto que, "A infância é um discurso histórico cuja significação está consignada ao seu contexto e as variáveis de contexto que o definem" (Fernandes; Kuhlmann Júnior, 2004, p. 29). É assim que, embora no início do século 19, período em que os contos dos irmãos Grimm foram publicados, a concepção de infância e o modo de tratar a criança já havia se modificado bastante com a colaboração de nomes significativos do pensamento pedagógico, como Comenius (1592-1670), Rousseau (1712-1778), Pestalozzi (1746-1827) e Froebel (1782-1852), todavia, esses contos faziam parte do imaginário popular da Alemanha medieval, quando as crianças eram tidas como adultos em miniatura, não somente sendo vestidas como adultos, mas, também, vivendo os mesmos costumes dos adultos, sem qualquer tratamento diferenciado. Na Idade Média não havia qualquer consideração quanto aos estágios da infância estabelecidos pela sociedade atual e a educação da criança ficava a cargo da aprendizagem através das tarefas realizadas juntamente com os adultos.

Da época em que foram coletados e publicados os contos de Grimm (1812 até os dias atuais), suas histórias originais foram sofrendo modificações de forma a suavizar os enredos e torna-los mais adequados às crianças da sociedade moderna cuja infância é tratada completamente diferente das crianças de antanho. Segundo Araújo (2012, p. 22), "com a descoberta da infância, no século XVIII, os contos de fadas passaram a sofrer adaptações no sentido de contemplarem as necessidades das crianças, bem como de sua vida imaginária". Ou seja, a cultura dominante dissimula, "particularmente no que se refere às crianças, que o lado obscuro do homem não existe, e professa a crença num aprimoramento otimista" (Bettelheim, 2015, p. 15). Apesar disso, questões importantes foram mantidas ao longo do tempo, preservando a cultura de determinado momento histórico, da esfera cultural a qual, segundo a teoria dos Estudos Culturais, é "decisiva tanto para a compreensão literária quanto para os estudos da sociedade" (Santana, [20--]). Os aspectos que influenciam a leitura e sua significação por parte do indivíduo foram estudados por Stuart Hall na Teoria da Recepção.

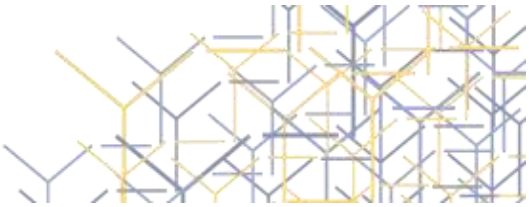


4 A TEORIA DA RECEPÇÃO DE STUART HALL

Embora os precursores dos Estudos Culturais sejam os pesquisadores Willians e Thompson que, na década de 50, ao lecionarem para alunos ingleses de classes operárias, refletiram na necessidade de se transpor a educação meramente reprodutora de conteúdos para uma educação que realmente possibilitasse formar indivíduos de pensamento crítico e reflexivo para a sociedade, seu maior expoente é o sociólogo Stuart Hall e sua Teoria da Recepção, tese que organiza a comunicação em um processo de codificação-decodificação da mensagem, considerando os fatores sociais, políticos e culturais como fortes influências capazes de alterar a forma como o indivíduo decodifica as mensagens (Estudos..., 2020). Ao estudar os meios de comunicação de massa, mais particularmente na televisão, Hall defendeu que esse processo comunicativo é realizado "a partir de um código produtor de uma mensagem que deve ser posteriormente decodificada, entendida, para se transformar em práticas sociais" (Teoria..., 2019). Nessa perspectiva, o consumo de um filme, série, animação ou música deve ser tomado como "um artefato produtivo, prática produtora de sentido: aceito, negociado ou simplesmente rejeitado" (Costa, 2012). Stuart Hall afirma que, "um texto não é aceito passivamente pela plateia ou pelos leitores, mas que estes interpretam e fundamentam outros significados a partir da experiência individual e cultural", sendo três as posições de interpretação de uma mensagem midiática: a) posição dominante (ou preferencial): "quando o sentido da mensagem é decodificado segundo as referências da sua construção"; b) posição negociada: "quando o sentido da mensagem entra em negociação com as condições particulares dos receptores" e, c) posição de oposição: "quando o receptor entende a proposta dominante da mensagem, mas a interpreta segundo uma estrutura de referência alternativa" (Escostesguy, 2008, p. 9). Dessa forma, "os textos culturais são o próprio local onde o significado é negociado" (Costa; Silveira; Sommer, 2003, p. 23).

O método de codificação e decodificação como defendido por Hall, compreende etapas que vão se relacionando no processo de formação da mensagem e sua posterior compreensão. Essas etapas são: a produção "que aparece na forma de veículos simbólicos, signos, estabelecidos dentro das regras da linguagem"; a circulação, que acontece na forma discursiva "o discurso produzido no processo de codificação de um conteúdo"; e, a reprodução/consumo da mensagem, que é a tradução do discurso o qual pode ser compreendido (ou não) por parte dos receptores de acordo com o pretendido pelos emissores. Ainda, segundo essa teoria, a possibilidade de erro na compreensão de um conteúdo é praticamente nula, chamando de assimetria de sentido a situação em que o sentido pretendido pelo produtor (posição dominante) e o decodificado pelo receptor, não são os mesmos (Teoria..., 2019).

Hall (2016) estudou a representação com base em três abordagens: a reflexiva, a intencional e a construtivista. Na abordagem reflexiva a linguagem funciona como



espelho, refletindo o verdadeiro significado como existe no mundo; na intencional, é o falante, o autor, que impõe seu significado único ao mundo por meio da linguagem. As palavras significam o que o autor pretende que elas signifiquem; e, na construtivista "as coisas não significam: construímos significados, usando sistemas representacionais – conceitos e signos".

Sobre a questão da representação de algo real ou ficcional, a representação usa a linguagem "[...] para dizer algo com sentido sobre, ou para representar de maneira significativa o mundo a outras pessoas" e, por consequência, "causam impacto sobre os modos de viver, sobre o sentido que as pessoas dão à vida, sobre suas aspirações para o futuro", provocando "sérias implicações sobre as identidades, pois as mesmas têm a ver como temos sido representados e como essa representação afeta a forma como nós podemos representar, surgindo das próprias narrativas do eu" (Moraes, 2019, p. 169).

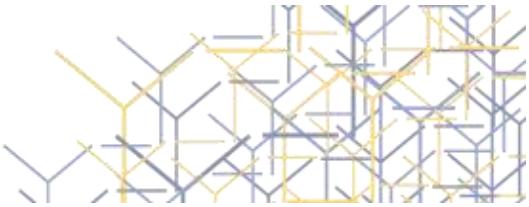
5 COMUNICAÇÃO, CULTURA E HEGEMONIA

Em sua obra "Dos Meios às Mediações: Comunicação, Cultura e Hegemonia" (1987), o sociólogo e teórico da comunicação Jesús Martín-Barbero propõe uma análise profunda sobre o processo de comunicação, destacando a importância das mediações sociais na construção cultural e na dinâmica de poder.

O autor critica a abordagem tradicional dos meios de comunicação, que tende a tratar a mídia apenas como um canal de transmissão de informações. Em vez disso, Martín-Barbero defende que a comunicação deve ser compreendida como um fenômeno cultural mediado pelas relações sociais e contextos históricos específicos. Ou seja, ele propõe uma visão das mediações como processos que não apenas transmitem mensagens, mas também as interpretam e as reconfiguram dentro de diferentes contextos culturais e sociais. Os pontos-chave dessa sua proposta incluem: mediação e cultura; a construção da hegemonia; o papel dos meios e crítica à visão tecnocêntrica.

Martín-Barbero defende que a comunicação não ocorre de forma linear e direta entre emissor e receptor. Existe uma mediação, em que as mensagens são influenciadas e modificadas pelas experiências, valores e contextos culturais dos indivíduos ou grupos. Isso significa que a recepção das mensagens é sempre um processo interpretativo e negociado. O autor discute como os meios de comunicação e as mediações culturais desempenham um papel crucial na construção da hegemonia em uma sociedade.

A hegemonia não se refere apenas à imposição de uma ideologia dominante, mas à forma como ela é naturalizada e aceita pela sociedade nas mediações culturais, que envolvem práticas, representações e simbolismos. Ele sugere que, embora os meios de comunicação de massa tenham um impacto significativo, eles não são os



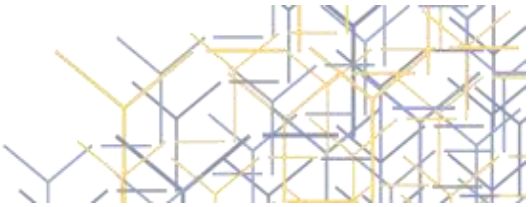
únicos agentes de poder na formação da opinião pública e na construção de sentido. As práticas culturais cotidianas e as mediações locais (como a família, a escola, a religião, entre outras) também desempenham um papel essencial nesse processo. O autor enfatiza a necessidade de entender as práticas sociais como algo dinâmico e interativo, que vai além das tecnologias de comunicação, pensamento este que vai de encontro com a visão tecnocêntrica e determinista de que os meios de comunicação por si só determinam os comportamentos sociais e culturais.

A perspectiva de Martín-Barbero mais complexa e dinâmica da comunicação, põe em questão o protagonismo da mídia, situando-a como parte de um processo mais amplo de mediação cultural e construção de sentidos sociais, com a participação de outras instituições.

6 A TEORIA APLICADA À REALIDADE

A indignação causada pela exibição da série Um Conto Sombrio dos Grimm, deixa clara a ocorrência de assimetria entre o sentido pretendido pelos produtores da animação e o que foi decodificado pelos que a assistiram – e reclamaram. A significação atribuída ao enredo da animação e aos papéis desempenhados por cada um dos personagens, em especial ao dos pais, refere-se à talvez por isso a exibição da série animada tenha causado tanta polêmica, mesmo em se tratando de uma produção literária, de caráter ficcional já bastante conhecida.

Enquanto os casos reais de violência doméstica contra crianças e adolescentes exibidos cotidianamente nos telejornais, na medida e no tempo em que ocorrem, não pareçam provocar tanta convulsão no que se referem à preocupação dos pais quanto à representação que as crianças possam atribuir aos personagens reais desses casos reais, talvez pelo fato dos pais e/ou responsáveis se considerarem, eles próprios, muito diferentes dos algozes das vítimas dos crimes reais (em sua maioria considerados psicopatas, tanto pela mídia quanto pelos jurados a que são submetidos no caso de responderem a processos), nas histórias que compreendem a série Um Conto Sombrio dos Grimm, os pais/mães são apresentados como pessoas comuns, normais, tendo atitudes consideradas aceitáveis quanto à educação de seus filhos e/ou enteados e suas ações consideradas "normais" dentro da cultura hegemônica à época. Referente às ações sociais, Hall (1997, p. 16) afirma serem significativas não só para os que as praticam quanto para os que apenas as observam, "[...] em razão dos muitos e variados sistemas de significado que os seres humanos utilizam para definir o que significam as coisas e para codificar, organizar e regular sua conduta uns em relação aos outros". Esse pesquisador considera que os discursos "são tomados pelos sujeitos para se auto interpretar e acabam por produzi-los".

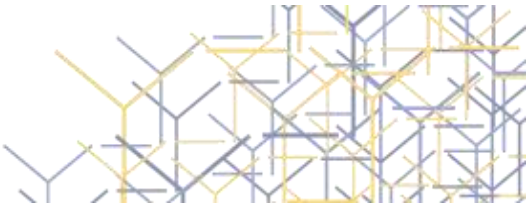


A abordagem se dá quando o sujeito se reconhece a partir dos discursos. "Ele os toma como algo que lhe diz respeito, identifica-se e produz-se como um sujeito daquele modo, compreende e explica a si e ao mundo a partir daquele regime de verdade" (Hall, 1997 *apud* Moraes, 2019, p. 168). Vejamos: muitos dos que reclamaram da exibição da animação foram pais que afirmaram que seus filhos, depois de assistirem à série (ou, pelo menos, parte dela), teriam desenvolvido um sentimento de medo dos próprios pais, assustadas com a possibilidade de serem vítimas dos mesmos, como o foram os personagens João e Maria do conto de Grimm. Ou seja: é como se os pais se vissem representados nos personagens do conto uma vez que seus filhos desenvolveram medo de serem vítimas dos mesmos (como os personagens).

Necessário levar-se em consideração que o entendimento de uma criança é bastante diferente do de um adulto. É por isso que a classificação indicativa dos programas televisivos é tão importante. Uma mesma programação, a depender do público para a qual é dirigida, passa sem maiores problemas. O mesmo não ocorrendo quando essa mesma programação é assistida por um público nada adequado (e vice-versa). No caso da série em questão, a classificação indicativa é para a faixa etária de 12 anos. Erraram na classificação indicativa ou os adolescentes dessa faixa etária é que não souberam fazer a diferenciação entre a representação de uma ficção com a de uma realidade?

Em 2012, O Ministério da Justiça lançou uma campanha para "alertar os pais sobre a influência que as obras audiovisuais podem ter na formação de crianças". Com o título de Não se Engane, o objetivo da campanha foi de caráter informativo sobre a importância que devem ter com o sistema de classificação indicativa como "uma forma de selecionar os programas aos quais os filhos assistem" (Brasil, 2012). Segundo essa campanha, "as crianças tendem a repetir o que veem na televisão" não distinguindo ficção de realidade.

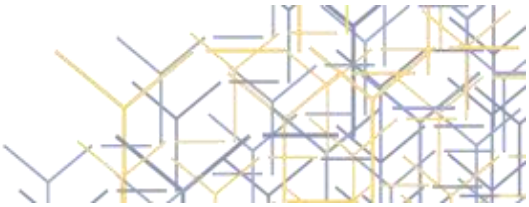
Lembrando que a série em questão foi exibida em um canal de *streaming*, importa um breve comentário sobre esse tipo de tecnologia da comunicação. Diferentemente das formas mais antigas de armazenamento de mídia (*VHS*, *DVDs*, *LPs* ou *CDs*), o sistema de *streaming* possibilita que o usuário da plataforma acesse o conteúdo sem a obrigatoriedade de ter que adquirir o filme ou música. Se for de sua preferência, ele pode assinar o sistema de *streaming* de sua escolha e fazer o *download* dos arquivos para poder acessá-los mesmo não estando *online*. Esse sistema também é diferente das TVs abertas onde, para se ter acesso ao conteúdo disponível, basta ligar o aparelho de TV, sem a necessidade de assinatura ou senha. Ou seja: não basta ter um aparelho de TV para ter acesso à programação dos serviços de *streaming*. É necessária uma assinatura, que é feita por um indivíduo maior de idade (já que essa assinatura é paga) e sua programação para ser exibido preciso, necessariamente, ser acessada via *login*/senha.



Curiosamente, nas TVs abertas, dependendo do canal, basta ligar a TV para se ter acesso às cenas tanto quanto ou mais violentas que as exibidas na série dos irmãos Grimm. Reportagens discutindo questões como pedofilia, assédio sexual, homicídio, fratricídio e os demais tipos de assassinato de membros da própria família, casos de prostituição infantil e crianças assassinadas pelo tráfico (ou pela polícia). E essa programação (programas jornalísticos, noticiosos) não sofre nenhuma classificação indicativa de faixa etária (Entenda..., [20--?]). Referente aos casos de violência envolvendo crianças e adolescentes, segundo o 15º anuário do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, cerca de 6.122 crianças e adolescentes foram mortos de forma violenta e intencional no Brasil em 2020.

Sofia Reinach, pesquisadora responsável pelo estudo, afirma que as crianças são vítimas potenciais de violência doméstica: "As crianças foram mortas mais em casa, por uma lesão corporal grave com predomínio do uso de faca, com os autores dos crimes identificados como pais ou cuidadores", diz a pesquisadora (Mais, 2021). Recentemente, dois casos de crimes violentos contra crianças, levantaram novas discussões acerca da gravidade das agressões domésticas contra crianças. O primeiro caso, foi em 29 de março de 2008, quando Isabella Nardoni, uma criança de cinco anos, foi encontrada morta, no dia após ter sido jogada de uma altura de seis andares de um prédio residencial. Seu pai foi o autor do crime juntamente com a madrasta. Em 08 de março de 2021, o menino Henry Borel, de quatro anos, foi assassinado em casa, pelo padrasto, após sofrer 23 lesões. Ambos os casos, foram amplamente divulgados tanto nacionalmente quanto internacionalmente, os crimes sendo cobertos por todas as emissoras de televisão e meios midiáticos, com chamadas ao vivo a qualquer hora do dia ou da noite.

Esses dois casos tratam de crimes cometidos no silêncio dos lares, em famílias consideradas de classes mais abastadas e mais estudadas e, infelizmente, "é um tipo de crime que se espalha pelo país de uma forma silenciosa sem gerar uma indignação. Tem criança sendo espancada e morta dentro de casa", afirma Reinach (ANDI, 2021). Frente a esse cotidiano real e nada ficcional, é no mínimo de se estranhar o porquê de tanto alvoroço com a exibição da série da *Netflix*, uma vez que a exibição de reportagens como as citadas, nas TVs abertas e/ou de assinatura, seja considerada como "normal" e programação "rotineira". Possivelmente, conforme estudado por Martin-Barbero (1997), nenhum outro meio de comunicação tinha permitido o acesso a tanta variedade de experiências humanas, de países, de povos, de situações, como a televisão o fez. Contudo, ao juntar o espetáculo com o cotidiano, o modelo predominante de televisão "imbrica em seu próprio modo de operação um dispositivo paradoxal de controle das diferenças": ora aproxima causando familiaridade, ora distancia causando estranheza:



> [...] Uma aproximação ou familiarização que, explorando as semelhanças superficiais, acaba nos convencendo de que, se nos aproximarmos o bastante, até as mais "distantes", as mais distanciadas no espaço e no tempo, se parecem muito conosco; e um distanciamento ou exotização que converte o outro na estranheza mais radical e absoluta, sem qualquer relação conosco, sem sentido para o nosso mundo (Martin-Barbero, 1997, p. 250).

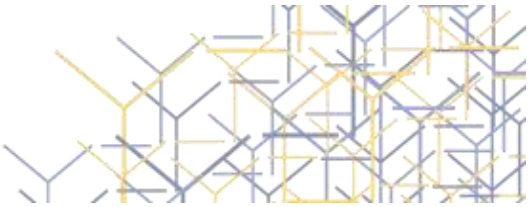
Dessa forma, podemos compreender que as sutilezas envolvidas na decodificação de determinada mensagem abrangem uma gama de aspectos sociais, culturais e políticos do indivíduo leitor que influenciam o processo de significação. Nas palavras de Johnson (2000, p. 64), "o texto tal-como produzido é um objeto diferente do texto tal-como-lido".

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando as questões apresentadas no texto, é fundamental que educadores reflitam sobre o papel da educação na formação crítica dos indivíduos em relação ao consumo de conteúdos midiáticos, especialmente para audiências vulneráveis, como crianças e adolescentes. O debate sobre a proteção de audiências vulneráveis deve ir além de medidas de regulação externa, como classificações indicativas e legislações, e envolver uma abordagem pedagógica que incentive o pensamento crítico e a capacidade de análise dos conteúdos consumidos.

Educadores devem questionar como as representações culturais presentes nas mídias influenciam as percepções, valores e comportamentos dos jovens, ajudando-os a desenvolver uma postura reflexiva diante da violência e das imagens simbólicas que circulam na sociedade. Além disso, é essencial que promovam diálogos sobre a diferença entre ficção e realidade, ajudando os alunos a entenderem as distâncias entre as narrativas midiáticas e a complexidade dos eventos reais, como os relatados nos noticiários.

O processo educativo deve incentivar a sensibilização dos pais e responsáveis sobre as implicações emocionais e cognitivas de determinadas produções, considerando que a forma como a violência e outros temas complexos são abordados nas mídias, pode gerar reações diversas, dependendo do contexto cultural e familiar. Em última instância, a proteção das audiências vulneráveis passa pela educação para o consumo consciente de mídia, preparando os indivíduos para interpretar, questionar e negociar os sentidos das mensagens que recebem.



REFERÊNCIAS

ANDI. Comunicação e Direitos. Mais de 6.000 crianças e adolescentes morreram de forma violenta no país em 2020. **O Tempo**, Minas Gerais, 16 jul. 2021. Disponível em: https://andi.org.br/infancia_midia/mais-de-6-000-criancas-e-adolescentes-morreram-de-forma-violenta-no-pais-em-2020/. Acesso em: 09 jan. 2022.

ARAÚJO, Monique Mesquita Aguiar. **Um toque de magia no cenário infantil**: a importância dos contos de fadas na infância. 2012. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) - Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2012.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

BRASIL. Ministério da Justiça. Campanha alerta pais sobre importância da classificação indicativa. **JusBrasil**, Brasília,19 mar. 2012. Disponível em: https://mj.jusbrasil.com.br/noticias/3058546/campanha-alerta-pais-sobre-importancia-da-classificacao-indicativa. Acesso em: 09 jan. 2022.

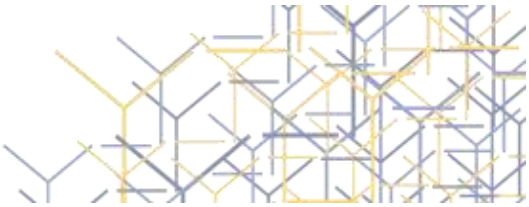
COSTA, Jean Henrique. Stuart Hall e o modelo "encoding and decoding": por uma compreensão plural da recepção. **Revista Espaço Acadêmico**, Maringá, v. 12, n. 136, p. 111-121, 31 ago. 2012. Disponível em: https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/17673. Acesso em: 09 dez. 2021.

COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Rosa Hessel; SOMMER, Luis Henrique. Estudos culturais, educação e pedagogia. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 23, p. 36-61, 2003. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbedu/a/FPTpjZfwdKbY7qWXgBpLNCN/?lang=pt.

ENTENDA a Classificação Indicativa. [20--?]. Programa adulto em horário adulto. Disponível em: http://www.classificacaoindicativa.org.br/entenda-a-classificacao/. Acesso em: 09 jan. 2022.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Uma introdução aos estudos culturais. **Revista FAMECOS**, Porto alegre, v. 5, n. 9, p. 87-97, 10 abr. 2008. Disponível em: https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3014. Acesso em 06 dez. 2021.

ESTUDOS culturais. 2020. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Estudos_culturais. Acesso em: 13 dez. 2021.



FERNANDES, Rogério; KUHLMANN JÚNIOR, Moysés. Sobre a história da infância. *In*: FARIA FILHO, Luciano Mendes. (org.). **A infância e sua educação**: materiais, práticas e representações. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 29.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2016.

HALL, Stuart. El trabajo de larepresentación. *In*: HALL, Stuart. **Representation**: cultural representations and signifying practices. London: Sage Publications, 1997. cap. 1, p. 13-74.

HERNÁNDEZ, Isabel. Contos de fadas dos irmãos Grimm nunca foram feitos para crianças. **National Geographi**, São Paulo, 03 out. 2019. Caderno de Cultura. Disponível em: https://www.nationalgeographicbrasil.com/cultura/2019/10/contos-de-fadas-irmaos-grimm-criancas-cinderela-branca-de-neve-folclore-alemanha. Acesso em: 01 dez. 2021.

JOHNSON, Richard. O que é, afinal, estudos culturais? *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **O que é, afinal, estudos culturais?** Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LANÇANOVA, Letícia. Um conto sombrio dos Grimm. Adam Gidwitz (Resenha). **Palácio de livros**, 02 jun. 2015. Disponível em: http://palaciodelivros.blogspot.com/2015/06/resenha-um-conto-sombrio-dos-grimm-adam.html. Acesso em: 06 dez. 2021.

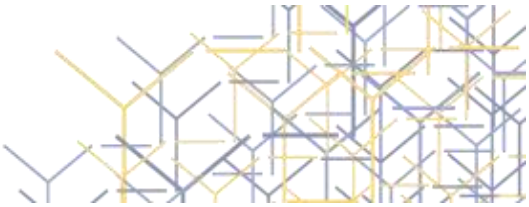
MARTIN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

MORAES, Maria Laura Brenner. Stuart Hall: cultura, identidade e representação. **Revista Educar Mais**, Pelotas, v. 3, n. 2, p. 167-172, 2019. Disponível em: https://periodicos.ifsul.edu.br/index.php/educarmais/article/view/1482. Acesso em: 21 jan. 2022.

RESENHA especializada. **AMAZON.com.br**. Um conto sombrio dos Grimm. [2020?]. Disponível em: https://www.amazon.com.br/Um-conto-sombrio-dos-Grimm-ebook/dp/B01H0TAYUO. Acesso em: 06 dez. 2021.

SANTANA, Ana Lucia. Estudos culturais. [20--]. **INFOESCOLA**. Disponível em: https://www.infoescola.com/sociologia/estudos-culturais/. Acesso em: 06 dez. 2021.

SÉRIE infantil da Netflix sobre contos de Grimm causa revolta em grupos de mães. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 29 out. 2021. Caderno Televisão. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2021/10/serie-infantil-da-netflix-sobre-contos-de-grimm-causa-revolta-em-grupos-de-maes.shtml. Acesso em: 06 dez. 2021.



TEORIA da recepção. 2019. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Teoria_da_recep%C3%A7%C3%A3o#cite_note-:1-1. Acesso em: 14 jan. 2022.

UM CONTO Sombrio dos Grimm (dublado). Série. Desenho Animado. Criador: Douglas Langdale. Produção: Netflix, 2021. 1 Temporada, 10 Episódios (0h 30 min/cada), son., color. **Netflix.** Disponível em: https://www.netflix.com/br/title/81076952. Acesso em: 11 set. 2022.

CONTRIBUIÇÃO DAS AUTORAS

Thereza Carolina Gonçalves Vieira – Coordenadora do projeto, participação ativa na análise dos dados, na escrita e revisão final do texto.

Alexandra Bujokas de Siqueira – Análise dos dados e escrita do texto.